

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

RODRIGO DE OLIVEIRA FARIA

OS PAPÉIS DA IMAGINAÇÃO NA ELABORAÇÃO
COGNITIVA DO SABER EM KANT

Uberlândia
2023

RODRIGO DE OLIVEIRA FARIA

**OS PAPÉIS DA IMAGINAÇÃO NA ELABORAÇÃO
COGNITIVA DO SABER EM KANT**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade
Federal de Uberlândia como exigência parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Olavo Calábria

Uberlândia
2023

RODRIGO DE OLIVEIRA FARIA

**OS PAPÉIS DA IMAGINAÇÃO NA ELABORAÇÃO
COGNITIVA DO SABER EM KANT**

Trabalho de conclusão de curso aprovado para obtenção do título de Bacharel em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 26 de janeiro de 2023

Prof. Dr. Olavo Calábria

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
(Orientador)

Prof. Dr. Marcos César Seneda

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

À Elenice, mãe querida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial, a minha mãe Elenice, meu padrasto Vanilson, minha avó Georgina, meu avô João Batista e meu pai Carlos Humberto, pelo apoio financeiro e suporte emocional sem os quais não conseguiria finalizar esta etapa da minha formação acadêmica.

Agradeço ao professor e meu orientador Dr. Olavo Calábria, pelo caminho, atenção e a imprescindível orientação sem o qual não teria sido possível a execução deste trabalho, as aulas na graduação e os trabalhos publicados por ele, foram de extrema relevância para a consecução desta primeira etapa da minha formação.

Agradeço ao professor Dr. Marcos César Seneda, pelas aulas sobre o pensamento de Kant na graduação e pela coordenação do grupo de pesquisa Kant-Hume, do qual eu tive o prazer de acompanhar algumas reuniões, e por ter aceitado o convite de compor a minha banca examinadora.

Por fim, agradeço a todos aqueles, familiares, amigos, professores(as) que de algum modo contribuíram e incentivaram esta jornada.

Os antigos filósofos gregos, como Epicuro, Zenão, Sócrates etc., [...] permanecem muito mais fiéis à verdadeira Ideia do filósofo do que a que se fez nos tempos modernos [...].

Quando há de, enfim, começar a viver virtuosamente, disse Platão a um ancião que lhe pedia escutasse algumas lições sobre a virtude.

Não se deve apenas especular, mas é necessário também, de uma vez por todas, pensar em praticar. Mas hoje se toma por sonhador aquele que vive de acordo com o que ensina.

*Immanuel Kant*¹

¹ KANT, Immanuel. (1980) AA (29): **Vorlesungen über die philosophische Encyclopädie**, in Kants gesammelte Schriften. Berlin, Akademie, p. 9, 12.

No original: Nehmen wir die alten griechischen Philosophen wie Epicur, Zeno, Socrates etc., [...] der wahren Idee des Philosophen weit getreuer geblieben, als in den neueren Zeiten geschehen ist [...]. Wann willst du anfangen Tugendhaft zu leben, sagte Plato zu einem alten Mann, der ihm erzählte, daß er die Vorlesungen über die Tugend anhörte. — Man muß doch nicht immer speculiren, sondern auch einmal an die Ausübung denken. Allein heut zu Tage hält man den für einen Schwärmer, der so lebt wie er lehrt.

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar as etapas para a elaboração cognitiva do “saber” (*kennen*) em Kant, saber que é fabricado na faculdade da sensibilidade, sem a intervenção da faculdade do entendimento, este saber corresponde a primeira etapa cognitiva que prepara a elaboração do conhecimento (*Erkenntnis*) do objeto, em outras palavras, corresponde à primeira forma do objeto na medida em que nos “aparece” (*erscheint*) na sensibilidade como um “aparecimento” (*Erscheinung*). Por princípio, apresentamos na primeira parte um breve panorama histórico das ideias e movimentos antecedentes a Kant, com o objetivo de contextualizar o desenvolvimento do seu pensamento, em seguida, ocupamo-nos com os elementos que compõem a sensibilidade e que recebem a “matéria” inicial (sensações e impressões) deste saber, ou seja, primeiro mostramos os sentidos com as formas *a priori* da intuição sensível (espaço e tempo), que atuando como predisposições desta capacidade, fornecem as condições de possibilidade de o objeto ser captado sensivelmente pela estrutura cognitiva do ser racional finito. Na segunda parte, descrevemos os papéis da faculdade da imaginação no manejo desta matéria inicial. Para Kant, a imaginação tem por capacidade o poder de sintetizar representações e produzir o saber que provém exclusivamente da sensibilidade, sob a condição de que lhe seja disponibilizada pelos sentidos a multiplicidade de sensações e impressões recebidas sob as formas *a priori* do espaço e do tempo. Desta forma, com esta interpretação da formação inicial do saber que prepara o conhecimento do objeto em Kant, discorreremos sobre o poder de síntese da imaginação, atuando de forma autônoma e espontânea na sensibilidade, por meio de duas sínteses, a saber: a “síntese do diverso” e a “síntese da reprodução”, que representam o modo pelo qual este saber inicial do objeto é fabricado.

Palavras-chave: Imaginação. Filosofia. Immanuel Kant. Síntese. Erscheinung. Aparecimento. Saber. Erkenntnis. kennen.

ABSTRACT

This paper aims to present the steps for the cognitive elaboration of “acquainted” (*kennen*) in Kant, acquainted that is fabricated in the faculty of sensitivity, without the intervention of the faculty of understanding, this acquainted corresponds to the first cognitive stage that prepares the elaboration of knowledge (*Erkenntnis*) of the object, in other words, it corresponds to the first form of the object insofar as it “appears” (*erscheint*) in sensitivity as an “appearance” (*Erscheinung*). As a matter of principle, we present in the first part a brief historical panorama of the ideas and movements that precede Kant, with the objective of contextualizing the development of his thought, then we occupy ourselves with the elements that make up sensibility and that receive the initial “matter” (sensations and impressions) of this acquainted, that is, we first show the senses with the *a priori* forms of sensible intuition (space and time), which, acting as predispositions of this capacity, provide the conditions of possibility of the object being sensitively grasped by the cognitive structure of the finite rational being. In the second part, we describe the roles of the faculty of imagination in the handling of this initial matter. For Kant, the imagination has the capacity to synthesize representations and produce the acquainted that comes exclusively from sensibility, under the condition that the senses make available to it the multiplicity of sensations and impressions received under the *a priori* forms of space and time. Thus, with this interpretation of the initial formation of acquainted that prepares knowledge of the object in Kant, we discuss the power of synthesis of the imagination, acting autonomously and spontaneously in the sensibility, through two syntheses, namely: the “synthesis of the diverse” and the “synthesis of reproduction”, which represent the way in which this initial acquainted of the object is fabricated.

Keywords: Imagination. Philosophy. Immanuel Kant. Synthesis. Erscheinung. Appearance. Acquainted. Erkenntnis. kennen.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

KrV – Kritik Der Reinen Vernunft (Crítica da razão pura).

AK – Manual dos cursos de Lógica Geral.

Anth – Anthropologie in pragmatischer Hinsicht (Antropologia de um ponto de vista pragmático).

KPM – Kant und das Problem der Metaphysik (Kant e o problema da metafísica).

Preisschrift – Untersuchung über die Deutlichkeit der Grundsätze der natürlichen Theologie und der moral (Investigações sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral).

Observações:

(i) Nas citações da *Crítica da razão pura*, utilizamos como referência duas traduções, da versão portuguesa (Calouste), e da versão brasileira publicada pela col. *Os Pensadores*, traduzido por Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, assim, vale ressaltar que nas passagens onde se encontra o termo “fenómeno” (pt) ou “fenômeno” (br) indicamos com colchete à frente da palavra o termo no original [*Erscheinung*], isto porque, na tese que acolhemos como referência em nossa pesquisa, entendemos que fenômeno ou fenómeno referem-se ao *Phaenomenon* (em latim), enquanto que *Erscheinung* refere-se ao “aparecimento” (ou *appearance*), essa distinção é muito importante para compreendermos a proposta deste trabalho.

(ii) Portanto, além da observação em relação ao termo *Erscheinung*, todas as outras expressões entre colchetes presentes no texto são também de nossa responsabilidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Os sentidos	28
Figura 2. As formas <i>a priori</i> da sensibilidade	31
Figura 3. A formação cognitiva do saber do objeto enquanto um mero aparecimento	44

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	12
CAPÍTULO I HISTÓRIA, CONHECIMENTO E SABER	
1.1 <i>Antes do criticismo kantiano, um breve panorama histórico do pensamento filosófico e científico dos séculos XVII e XVIII</i>	15
1.2 <i>A viragem copernicada de Kant, e o conhecimento fenomênico da realidade</i>	22
1.3 A filosofia transcendental de Kant, primeira parte, sobre a sensibilidade: fonte fundamental de produção do “saber”	27
CAPÍTULO II A IMAGINAÇÃO	
2.1 A filosofia transcendental de Kant, segunda parte, sobre a imaginação	33
2.2 <i>“Síntese do diverso”, primeira atividade da imaginação na sensibilidade</i>	35
2.3 <i>“Síntese da reprodução”, segunda atividade da imaginação na sensibilidade</i>	40
<i>Conclusão</i>	44
<i>Bibliografia</i>	45

INTRODUÇÃO

Em 22 de abril de 1724, Immanuel Kant nasceu em Königsberg, cidade da Prússia Oriental (hoje a cidade se chama Kaliningrad e pertence a um território que se encontra sob a soberania russa). Kant faleceu em 12 de fevereiro de 1804, às 11h da manhã, menos de dois meses antes de seu octogésimo aniversário.

O pensamento de Kant sobre o tema da imaginação se desenvolve como um ponto importante da sua filosofia crítica. Encontram-se na filosofia kantiana, ideias inovadoras sobre a imaginação que exploram novas possibilidades e proporcionam ainda hoje debates acerca de aspectos que são surpreendentes (para boa parte dos intérpretes do seu pensamento).

Dito isto, há várias interpretações² na literatura sobre o pensamento de Kant, que têm por objetivo esclarecer minuciosamente o texto kantiano acerca da sua concepção sobre a capacidade da imaginação e os seus papéis na sensibilidade.

Com efeito, a tese³ que acolhemos em nossa pesquisa e que nos serve de referencial teórico para a elaboração deste trabalho sobre “Os papéis da imaginação na elaboração cognitiva do saber em Kant”, é *sui generis* e defende que a sensibilidade — por meio das suas capacidades sensível (receptiva) e espontânea (ativa) — fabrica um “saber” (*kennen*)⁴ (cf. AK 65) inicial preparatório para o conhecimento do objeto.

Este saber como primeira etapa cognitiva que prepara a elaboração do conhecimento em Kant, provém exclusivamente da sensibilidade, sem recorrer ao entendimento. Nesta perspectiva, como pretendemos mostrar, a imaginação exercerá um papel significativo na elaboração cognitiva deste saber, que corresponde em Kant, segundo Calábria (2011), ao “aparecimento” (*Erscheinung*)⁵, i.e., à primeira forma do objeto (conceitualmente)

² Segundo Caygill: “Coube a Heidegger (1929) destacar, pela primeira vez, o papel crucial da imaginação na filosofia de Kant [...]” (1995, p. 189). Além de Heidegger, podemos mencionar outros intérpretes que contribuíram de modos diferentes para a elucidação da concepção kantiana acerca das atividades atribuídas a imaginação no conjunto das faculdades do ânimo, por exemplo, Béatrice Longuenesse, Mario Caimi, Rudolf Makkreel, Olavo Calábria, Gerard Lebrun etc.

³ “A imaginação de Kant e os dois objetos para nós: e ainda, a propósito da doutrina do Esquematismo e das duas Deduções das categorias”. Calábria (2011).

⁴ Sobre os graus de conhecimento em Kant, indicamos o artigo “Da relação entre os graus de conhecimento e as capacidades de representação em Kant” de Calábria (2013).

⁵ Este saber do objeto como produto cognitivo próprio da sensibilidade, é uma possibilidade interpretativa trabalhada por Calábria, que acolhemos em nosso trabalho, desta forma, nossa posição é a mesma do autor que identifica duas formas cognitivas do objeto na medida em que nos aparece (*erscheint*) para a nossa faculdade de conhecer. A primeira forma chama-se “aparecimento” (*Erscheinung*), e a segunda forma chama-se “fenômeno” (*Phaenomenon*). A primeira forma é fabricada na sensibilidade sem recorrer ao entendimento, a segunda forma é fabricada através da relação da sensibilidade com o entendimento. Para saber mais a respeito desta distinção, consultar o artigo “A distinção kantiana entre aparecimento e fenômeno” de Calábria (2006).

indeterminado⁶.

Em suma, apresentamos com este Trabalho de Conclusão de Curso, alguns aspectos importantes do pensamento kantiano acerca dos papéis atribuídos à imaginação na elaboração cognitiva do saber que prepara a elaboração do conhecimento em Kant.

Os escritos de Kant

Escritor prolífico, além de seu trabalho de pesquisa em filosofia na Universidade de Königsberg (fundada em 1544), Kant também escreveu e lecionou sobre física, antropologia, geografia, lógica e outras disciplinas.

A riquíssima produção de Kant se divide em dois grandes grupos de escritos: “pré-críticos” (de 1746 a 1770) e os assim chamados “críticos” (de 1781 a 1803), ou seja, nos quais Kant expõe sua filosofia “crítica”, já perfeitamente delineada e amadurecida.

No que concerne às obras nas quais Kant se dedica com as exposições sobre o tema da imaginação, os textos da fase crítica⁷, projetam luz especial sobre o movimento ou a ideia do pensamento kantiano.

Em nossa pesquisa as obras de Kant, demos ênfase⁸ na *Crítica da razão pura*, tendo em vista que, seu estudo sobre a imaginação, tornar-se-á mais explicitamente concentrado e amadurecido nas duas versões da *Crítica*: a primeira versão foi lançada em 1781 (A), e a segunda versão foi lançada em 1787 (B), com algumas importantes alterações e esclarecimentos.

Por fim, a segunda obra importante que nos serve de referencial teórico é a *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, organizada por Kant e publicada em 1798 ao final de toda a sua produção filosófica, na qual ele se dedicou na exposição mais extensa, detalhada e ordenada sobre o tema da imaginação.

⁶ “O objecto indeterminado de uma intuição empírica chama-se *fenômeno* [*Erscheinung*]” (*KrV* B 34). No original: Der unbestimmte Gegenstand einer empirischen Anschauung heißt Erscheinung.

Para Kant, o objeto é indeterminado (conceitualmente) quando precede o uso lógico da faculdade do entendimento.

⁷ É importante ressaltamos a relevância que se identifica já com os escritos pré-críticos, sobre a trajetória intelectual que culminará no “Idealismo transcendental”, para um exemplo, Kant discorre no escrito *Investigações sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral* (*Preisschrift*) de 1763, sobre a diferença entre “Matemática” e “Filosofia”, que se encontra na “Doutrina Transcendental do Método” na *Crítica da razão pura* de 1781.

⁸ Este trabalho tem como enfoque (pesquisa) o aspecto teórico (conceitual) do pensamento kantiano acerca da imaginação, não exploramos aqui o aspecto prático da imaginação trabalhado por Kant, por exemplo, na segunda crítica (*Crítica da razão prática* de 1788), e não exploramos também o aspecto estético da imaginação que se encontra na terceira crítica (*Crítica do Juízo* de 1790).

CAPÍTULO I

HISTÓRIA, CONHECIMENTO E SABER

1.1 Antes do criticismo kantiano, um breve panorama histórico do pensamento filosófico e científico dos séculos XVII e XVIII

Antes da fundação da filosofia crítica de Kant, poder-se-á constatar pela história da filosofia e da ciência na Modernidade, as ideias filosóficas e, concomitantemente, científicas que propiciaram ou prepararam o espírito alemão, que influenciaram o pensador de Königsberg no século XVIII.

Os alemães foram a última das nações a abraçar nos primeiros anos do século XVIII, o importante movimento do “Esclarecimento” (em alemão: *Aufklärung*; também conhecido por Iluminismo), embora, enxertando-se em tradições diferentes e não configurando um compacto sistema de doutrinas, o Iluminismo, mesmo não constituindo o único movimento cultural da época, é a filosofia hegemônica da Europa do século XVIII, iniciada na Inglaterra no século XVII, exerceu enorme influência no desenvolvimento do pensamento filosófico e científico na Modernidade. Sobre isso, diz Dilthey (1947):

Na Alemanha, toda a filosofia destes cem anos está sob o signo da recepção pelo espírito alemão do movimento de ideias da Europa. A astronomia, a mecânica e a física tinham novamente associado a observação e à experiência com o pensamento matemático. Os dois maiores exemplos disto estavam na descoberta das leis do movimento dos planetas, por Kepler, e na fundamentação da dinâmica com Galileu. Em ambos os casos, certas observações e experiências confirmaram o bem fundado de determinadas relações puramente matemáticas como realizadas em dadas situações. Assim, estabeleceu-se como método da nova compreensão da natureza a aliança de certas verdades gerais e necessárias com a experiência, e como seu objectivo, a regularidade matemática dos aconteceres dada também como lei da natureza. E tendo sido arrastada a filosofia a ver também nesse processo mental o único tipo de pensamento científico, entrou-se definitivamente na época que veio suplantá-la da Renascença e a das lutas religiosas, preparando a de Kant. Assim se formulou e se generalizou o método dos naturalistas, vendo-se nesse método, finalmente, a primeira teoria metodológica geral de todo o saber científico. Seguindo este método, passou-se depois a construir o todo da realidade, interpretada nos diferentes sistemas metafísicos dessa época sobre a base deste tipo de verdades gerais e necessárias. (DILTHEY, 1947, p. 108-107)

Em a *Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo?* de 1784, Kant afirma que o Iluminismo, “[...] é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado”⁹. O movimento iluminista trouxe consigo grandes avanços no campo da astronomia, da biologia, da química, da filosofia etc., que, junto com a Revolução Industrial, abriram espaço para a

⁹ Esta afirmação encontra-se no início do artigo *Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo? (Was ist Aufklärung?)*, escrito em 1783 e publicado em 1784 pela revista *Berlinische Monatsschrift*, considerada a revista favorita de Immanuel Kant, principalmente por causa dos debates em torno da pergunta: “O que é o Iluminismo?”

profunda mudança política determinada pela Revolução Francesa (1789-1799). O precursor desse movimento foi o matemático e filósofo francês René Descartes (1596-1650), considerado o pai do “racionalismo”.

A marca do movimento iluminista é a confiança na razão humana e no progresso da humanidade, “[...] um não preconceituoso uso crítico da razão voltado à libertação dos dogmas metafísicos, dos preconceitos morais, das superstições religiosas, das relações desumanas entre os homens, das tiranias políticas [...]” (REALE, 2017, p. 587), este ideal iluminista propunha dissolver as superstições, preconceitos e mitos tornando-os em objeto de crítica pela Razão. Sobre isso, assinala Cassirer (1997):

O século XVIII está impregnado de fé na unidade e imutabilidade da razão. A razão é una e idêntica para todo o indivíduo pensante, para toda a nação, toda a época, toda a cultura. [...] O século XVIII. [...] Busca uma outra concepção da verdade e da “filosofia” que confere a uma e a outra mais amplitude, uma forma dotada de mais liberdade e mobilidade, mais concreta e mais viva. A Era do Iluminismo não outorga esse ideal de pensamento às doutrinas filosóficas do passado; prefere formá-lo tomando por exemplo a física contemporânea, cujo modelo tem sob seus olhos. Em vez do *Discurso do método* de Descartes, apóia-se nas *Regulae philosophandi* de Newton para resolver o problema central do método da filosofia. (CASSIRER, 1997, 23-24).

Como esclarece Cassirer (1997) em *A Filosofia do Iluminismo*, e Dilthey (1947), os problemas e questões relativos às ciências humanas nesse período (final do séc. XVII e início do séc. XVIII) ainda estavam atrelados com a pesquisa científica, o que resultava em grande parte na tentativa de uma fundamentação das ciências humanas por meio da aplicação do método científico¹⁰.

Este progresso nas ciências continuou no século XVIII, ainda ligado a ideias filosóficas. A diferenciação do trabalho das ciências particulares deu origem à nova função da filosofia, que consistia em agir através do espírito filosófico de cada investigador, que surgiu a partir da visão conexa das ciências. O século inteiro transborda com o ideal cultural do progresso da humanidade e o conhecimento e domínio da natureza, o estabelecimento de uma religiosidade racional baseada no pensamento e na consciência moral, e a orientação por princípios racionais da vida econômica e política, bem como da educação (DILTHEY, 1996, p. 159 - tradução nossa).¹¹

¹⁰ No século XVIII, as ciências da natureza tornam-se ciências autônomas e particulares se desgarrando da filosofia, a partir desta ruptura surgem correntes como o positivismo na França no início do séc. XIX, que defendia a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro.

¹¹ No original: Este progreso de las ciencias se mantiene en el siglo XVIII trabado todavía con ideas filosóficas. Al diferenciarse el trabajo de las ciencias particulares surge la función nueva de la filosofía, que consistirá en actuar a través del espíritu filosófico de cada investigador, que brota de la visión conexa de las ciencias. Todo el siglo rebosa con el ideal cultural del progreso del género humano y el conocimiento y dominio de la naturaleza, el

Pontos de contato com a filosofia kantiana

De forma concisa, o período moderno é marcado por este ideal de progresso e inovação científica e também filosófica na Europa e, conseqüentemente, na Alemanha, à vista disso, como apontamos no início, podemos encontrar algumas fontes conceituais e metodológicas que serviram de material conceitual inicial para o desenvolvimento da filosofia crítica de Kant, em outras palavras, queremos dizer que, podemos observar como sugerem Cassirer (1997) e Dilthey (1996), que os problemas de natureza filosófica, e as questões e revoluções científicas no período do Iluminismo, foram em grande medida um referencial teórico importante que exerceram influência no desenvolvimento do pensamento kantiano.

No campo da investigação filosófica, o conceito de “razão” dos iluministas influenciou no desenvolvimento da filosofia kantiana para um exame crítico da razão. O conceito iluminista de razão aproxima-se do conceito empregado por Kant que o entende, antes, como uma “faculdade” e não como uma posse de verdades eternas nem de ideias inatas.

Sobre o conceito de imaginação, podemos notar também uma breve aproximação do conceito empregado por Kant, com relação ao uso que faziam dele Hume (1711-1776) e Wolff (1679-1754), o primeiro foi um filósofo iluminista inglês, que corrobora com a ideia quanto à função fundamental da imaginação na organização geral das faculdades humanas, o segundo (Wolff) foi um importante filósofo iluminista alemão, que distinguia a imaginação das outras atividades do espírito como uma faculdade “de produzir as percepções das coisas sensíveis ausentes”¹².

No campo da investigação científica¹³ temos a influência tanto de Isaac Newton (1643-1727) com os conceitos de espaço e tempo, quanto com Nicolau Copérnico (1473-1543) com a influência da teoria heliocêntrica do Sistema Solar etc.

Kant, apesar de nunca ter deixado a Prússia e raramente ter saído da sua cidade natal (Königsberg), cidade onde nasceu e faleceu, tinha um profundo conhecimento das questões e problemas que eram pesquisados e debatidos na Europa do século XVIII.

establecimiento de una religiosidad racional basada en el pensamiento y en la conciencia moral y la dirección mediante principios racionales tanto de la vida económica y política como de la educación.

¹² Na *Antropologia*, Kant nos indica que a imaginação também pode intuir “sem” a presença do objeto. “Na faculdade de conhecer (faculdade das representações na intuição), a *sensibilidadade* contém duas partes: o *sentido* ea *imaginação*. — O primeiro é a faculdade de intuição na *presença* do objeto; a segunda, também *sem* a presença deste. (*Anth* §15 153).

¹³ A Revolução Científica começou no século XVI e prolongou-se até o século XVIII.

Em resposta às ideias de se estabelecer uma correlação metodológica entre a investigação científica e a investigação filosófica, com o objetivo de reparar ou mesmo aperfeiçoar a pesquisa filosófica, no *Preisschrift*¹⁴ de 1763, Kant escreve sobre qual deve ser o método da filosofia, i.e., da “metafísica tradicional”¹⁵, em oposição ao monismo wolffiano dos métodos científicos.

Se for estabelecido o método pelo qual se pode alcançar a máxima certeza possível nessa espécie do conhecimento e a natureza dessa convicção for bem compreendida, então em vez da eterna inconstância das opiniões e de seitas escolásticas, uma prescrição imutável do modo de proceder deve unir as cabeças pensantes em esforços idênticos; assim como o método de *Newton*, na ciência da natureza, transformou a falta de nexos das hipóteses físicas em procedimento seguro, segundo a experiência e a geometria. (KANT, 2005, p. 103).

Segundo Malter (1979), Kant chega no *Preisschrift* a um novo método filosófico e matemático (científico), fundamentalmente idêntico ao método introduzido por Newton na ciência da natureza, desta forma, colocando uma nova perspectiva para o procedimento de produção de conhecimento nestas duas áreas de investigação, que, rejeitando um método “[...] englobando as matemáticas e a metafísica, Kant, como o reconhece ele mesmo no *Preisschrift*, realizou um passo de um imenso alcance. Que, com efeito, compreendeu que a metafísica procede por análise.” (MALTER, 1979, p. 586, tradução nossa)¹⁶. Sobre isso, complementa Malter:

No *Preisschrift*, Kant afasta-se da ideia de um método aplicável a todos os objetos; ele supõe que as matemáticas e a filosofia, especialmente sua parte “superior”, a metafísica, seguem métodos radicalmente diferentes. Kant tira certamente estes dois métodos da doutrina wolffiana sobre a maneira de adquirir o conceito universal, mas ele atribui todavia a cada um dos dois métodos uma função tão radicalmente diferente que ele abandona o terreno da metodologia científica wolffiana e chega a um novo método matemático e a um novo método filosófico. (MALTER, 1979, p. 581, tradução nossa)¹⁷.

¹⁴ Embora Kant estava longe do criticismo, o *Preisschrift*, para Malter (1979), representa um papel importante no desenvolvimento do pensamento de Kant, que prepara o caminho distinguindo entre métodos sintéticos e analíticos.

¹⁵ A “psicologia”, a “cosmologia” e a “teologia” (*KrV* B 392 / A 335), são as três grandes disciplinas pertencentes à metafísica tradicional. Nesses domínios de saber as questões, os objetos de investigação são claramente “transcendentes”, i.e., segundo a filosofia kantiana, que extrapolam os limites do conhecimento possível.

¹⁶ No original: “[...] englobant les mathématiques et la métaphysique, Kant, comme il le reconnaît lui-même dans la *Preisschrift*, a accompli une démarche d’une immense portée. Qui en effet a compris que la métaphysique procède par analyse”

¹⁷ No original: Dans la *Preisschrift*, Kant s’écarte de l’idée d’une méthode s’appliquant à tous les objets ; il suppose que les mathématiques et la philosophie, spécialement sa partie « supérieure », la métaphysique, suivent des méthodes radicalement différentes. Kant tire certes ces deux méthodes de la doctrine wolffienne sur la manière d’acquérir le concept universel, mais il attribue cependant à chacune des deux méthodes une fonction si

Contudo, apesar do espírito de progresso, inovação e descobertas tanto no campo científico, como no campo filosófico, por exemplo, com a redação do *Preisschrift*¹⁸ no período do séc. XVIII, para Kant, a investigação no campo filosófico, especialmente, as escolas de natureza metafísica, não correspondiam ao espírito da época, ou seja, as verdades (resultados) da investigação metafísica não eram suscetíveis da mesma evidência que as verdades matemáticas, porquanto o seu objeto e método de pesquisa filosófica, dependiam exclusivamente dos fundamentos ou princípios estabelecidos pelas escolas filosóficas em grande parte contrastantes entre si.

Kant afirma que a filosofia passa por três fases: a dogmática, de que é modelo o sistema wolffiano, a céptica representada em grau eminente por Hume e a crítica, que ele próprio inaugura. No período dogmático cada metafísica apresenta as suas teses como algo que não pode ser objecto de dúvida. Ora, a uma filosofia dogmática opõem-se outras filosofias, cujas teses também são dogmáticas e daí a luta entre sistemas, degenerando na anarquia correspondente à fase céptica. (MORUJÃO – Prefácio. *In Crítica da Razão Pura*, 2018, IX-X).

Portanto, Kant compreendia que a investigação filosófica de natureza metafísica nos séculos XVII e XVIII, ao contrário da pesquisa científica, ficou estagnada, principalmente, por decorrência do dogmatismo e do ceticismo e pela disputa conceitual entre as escolas (caso dos monistas, dualistas e pluralistas). Sobre isso, conclui Kant:

Cansados, assim, do dogmatismo que nada nos ensina e também do ceticismo que não nos promete absolutamente nada, nem mesmo a tranquilidade de uma permitida ignorância, exortados pela importância do conhecimento de que necessitamos e desconfiados, por obra de uma longa experiência, de todo aquele que acreditamos possuir ou que nos é oferecido sob o título da razão pura, resta-nos uma única questão crítica, cuja resposta pode regular nossa conduta futura: *É, afinal, possível a metafísica?* (KANT, 2014, p. 44).

radicalement différent qu'il abandonne le terrain de la méthodologie scientifique wolffienne et arrive à une nouvelle méthode mathématique et à une nouvelle méthode philosophique.

¹⁸ Na viragem criticista apresentam-se, obviamente, novas qualidades e novas diferenciações acerca do procedimento da filosofia (metafísica), que buscam examinar a partir da *Crítica* a possibilidade dos conceitos *a priori* por um procedimento “analítico” que tem por objeto a possibilidade do conceito no entendimento puro. Por outro lado, a investigação empreendida no *Preisschrift*, tem por objeto a “análise” de notas ou evidenciação de notas de um conceito dado, não levantando, por exemplo, a questão de sua possibilidade, ou seja, da sua “origem”. Portanto, vale ressaltar que o resultado da investigação filosófica do *Preisschrift* que antecede a fase crítica de Kant, não deve ser tomado como um ponto final, evidentemente, mas sim, como um preâmbulo da filosofia transcendental de Kant, que examina a função original do entendimento, a qual torna possível o conhecimento do fenômeno.

Para Kant, o que podemos conhecer?

Ademais, outrora a viragem copernicana de Kant, inspirado pelo ideal iluminista tanto inglês, francês, como alemão, que lhe permitirá a superação tanto do racionalismo, quanto do empirismo, do dogmatismo e do ceticismo, abrindo uma nova era do filosofar na idade moderna.

Para Kant, o campo da investigação filosófica, particularmente, as doutrinas metafísicas dos séculos XVII e XVIII, em geral, explicam o modo pelo qual o ser racional finito elabora cognoscitivamente um conhecimento da experiência, i.e., da realidade, pressupondo que fosse o sujeito a ter de gravitar em torno de um “objeto”, ou seja, a investigação filosófica de natureza metafísica, antecedente a Kant, encontrava-se necessariamente voltada para o objeto “transcendente”¹⁹.

Portanto, considerava-se que era o objeto (enquanto *objeto-em-si*²⁰), quem fornecia as condições essenciais para a formação do conhecimento, em outras palavras, era o objeto quem dava as regras no processo de aquisição do conhecimento, o sujeito era “receptor”. Logo, cabia à investigação filosófica de natureza metafísica o encargo de investigar e compreender, especificamente, quais eram essas condições essenciais provenientes exclusivamente do objeto (ser), e dos meios de conhecimento que o sujeito tinha de apropriação dele.

Com efeito, na filosofia crítica de Kant, o que podemos conhecer, ao contrário do que investigavam as doutrinas metafísicas, não são objetos transcendentais à experiência humana, mas são as coisas que podemos experimentar, ou seja, “[...] *a nós não é possível nenhum conhecimento a priori senão unicamente com respeito a objetos de experiência possível*” (KANT, 1974, p. 96). Isto é, podemos conhecer o mundo natural, observável, mas não podemos, no entanto, ter respostas para muitas das questões mais profundas da investigação metafísica, por exemplo, como a existência de um ser supremo, da imortalidade da alma, etc.

A razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões, que não pode evitar pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar resposta por ultrapassarem completamente as suas possibilidades. (*KrV* A VII).

¹⁹ Kant chama “transcendental” todo conhecimento que tem a ver não com objetos, mas com nosso modo de conhecer os objetos, ou seja, as condições e os limites que justificam a construção do conhecimento pelo ser racional finito. Em contrapartida, o conceito de “transcendente” na filosofia kantiana refere-se àquilo que extrapola os limites da experiência possível, ou seja, aquilo que não podemos observar, experienciar.

²⁰ O *objeto-em-si* (ou *coisa-em-si*) é algo que existe por si próprio, independentemente de o sujeito perceber sua existência.

À vista disso, como veremos mais detalhadamente na viragem copernicana, Kant pretendeu resgatar as virtudes e eliminar os defeitos de cada uma dessas escolas metafísicas de pensamento epistemológico do séc. XVII e XVIII. Ele é certamente um racionalista, mas o pensamento empirista do Iluminismo inglês teve profunda influência sobre ele. O próprio Kant explicita isso, ao dizer que Hume o “despertou de seu sono dogmático.”²¹

De acordo com o seu ponto de vista epistemológico, Kant procura esboçar o conceito de metafísica a partir de sua origem no conhecimento. [...] ele pensa a partir do pressuposto indemonstrável de que verdades universais e necessárias teriam por sua condição um modo de conhecimento *a priori*. (DILTHEY, 2010, p. 156).

²¹ Esta observação se encontra no Prefácio aos *Prolegômenos* (1783).

1.2 A viragem copernicana de Kant, e o conhecimento fenomênico da realidade

Pois bem, para Kant, os problemas de natureza metafísica, talvez possam ser elucidados, se o seu método e seu objeto de investigação forem esclarecidos, caso contrário, o *Modus operandi* para alcançar a certeza nesse conhecimento filosófico, ainda estará condicionado pela “[...] eterna inconstância das opiniões e de seitas escolásticas [...]” (KANT, 2005, p. 103).

Em contrapartida a filosofia dogmática e cética dos sistemas metafísicos, a viragem copernicana de Kant realizada no séc. XVIII, exige-nos orientar em sentido contrário e voltarmos-nos para o “sujeito”, a *Crítica da razão pura, Magnum opus* que inaugura a filosofia crítica kantiana, investiga a partir do sujeito às “condições” (faculdades)²² e os limites que tornam possível o conhecimento (conceitualmente) determinado da experiência. Sobre isso, comenta Reale (2017):

Kant inverteu os papéis e supôs que fosse o objeto a ter de gravitar em torno do sujeito. Copérnico fizera uma revolução análoga, visto que, mantendo firme no centro do universo a Terra e fazendo gravitar os planetas em torno dela, muitos fenômenos acabavam sem explicação; por isso ele pensou deslocar a Terra e fazê-la gravitar em torno do Sol. Metaforicamente, Kant considera que não é o sujeito que, conhecendo, descobre leis do objeto, mas, ao contrário, é o objeto que se adapta, quando é conhecido, às leis do sujeito que o recebe cognoscitivamente.” (REALE, 2017, p. 771).

A investigação filosófica das doutrinas metafísicas do séc. XVII e XVIII sobre o Ser, a realidade etc., em Kant, deixa de ser um exame ontológico e transforma-se em uma investigação “transcendental”²³, para um exemplo, espaço e tempo, não são mais como se considerava, propriedades das coisas, ou seja, realidades ontológicas, eles são as formas *a priori* da intuição sensível fornecidas pela sensibilidade, i.e., as condições formais da sensibilidade, com as quais o sujeito capta sensivelmente as coisas, e não mais como modos de ser das coisas. Sobre isso, assinala Cassirer:

Com isso se expressa o primeiro contraste característico que separa a doutrina de Kant dos sistemas do passado. A metafísica antiga era *ontologia*: ela começava com determinadas convicções gerais sobre o “ser” por excelência, e ela buscava a partir disso avançar para o conhecimento de determinações especiais das coisas. Isso vale, no fundo, tanto para aqueles sistemas que denominam a si mesmos como “empíricos” como para aqueles que se admitem “racionalistas”. Pois “empirismo” e “racionalismo” se diferenciam precisamente em suas concepções sobre os *meios de*

²² Em Kant, designa-se por condições de possibilidade do conhecimento, as faculdades (sensível e inteligível) com as suas capacidades receptiva e espontânea constituindo a estrutura cognitiva do sujeito.

²³ “Chamo transcendental a todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objectos, que do nosso modode os conhecer na medida em que este deve ser possível *a priori*” (*KrV* B 25).

conhecimento específicos com os quais nós nos apropriamos do ser. A visão fundamental, entretanto, de que “existe” um tal ser, de que há uma realidade das coisas que o intelecto tem de receber e reproduzir em si, é comum a ambos. Indiferentemente, portanto, de como aqui a relação pode ser interpretada no detalhe, mantém-se o seguinte: que ambos começam com uma afirmação determinada sobre a realidade, sobre a natureza das coisas ou da alma, e daí deduzem todas as outras proposições como consequências. (CASSIRER, 2021, p. 143-144).²⁴

Com a viragem copernicana, Kant abalou as fundações do mundo intelectual, ele defende que os princípios básicos da ciência natural são impostos à realidade pela sensibilidade e pelo entendimento humanos, e, por conseguinte, que os seres humanos podem também impor sua ação livre e racional sobre o mundo mediante a correlação dessas duas fontes fundamentais de conhecimento, deste modo, com esta proposta, é o sujeito quem dá as regras no processo de conhecer, ou seja, o sujeito é o “construtor”. Sobre isso, comenta Leite:

O criticismo kantiano é a confluência de duas direções fundamentais do pensamento filosófico: o racionalismo dogmático (Descartes - Spinoza - Leibniz - Wolff) e o empirismo cético (Bacon - Locke - Hume). Para o racionalismo, o conhecimento seria produto de uma simples faculdade: a razão. Para o empirismo, o conhecimento derivaria de uma outra faculdade: a sensibilidade. Kant, que se educou sob a influência do racionalismo de Wolff, declara que o ceticismo de Hume o fez despertar do seu sono dogmático e deu às suas investigações no caminho da filosofia especulativa uma orientação totalmente diversa, impelindo-o a indagar sobre as condições e os limites do conhecimento humano, bem como suas possibilidades. (LEITE, 2015, p. 36).

Em suma, a filosofia kantiana inaugura no pensamento filosófico e científico do séc. XVIII, uma nova interpretação epistemológica para o problema acerca do modo de aquisição do conhecimento, inspirado pelas ideias filosóficas e revoluções científicas antecedentes, em Kant, à investigação filosófica corresponde ao problema crítico da razão e das condições e limites de possibilidade²⁵ do conhecimento, ou seja, para o modo pelo qual o sujeito elabora cognoscitivamente o conhecimento da experiência.

²⁴ Sobre o modo (método) de dedução e derivação dos sistemas antecedentes a Kant, Cassirer (1997) complementa: “O século XVII via na construção de “sistemas filosóficos” a tarefa própria do conhecimento filosófico. Para que lhe parecesse verdadeiramente “filosófico”, era preciso que o saber tivesse alcançado e estabelecido com firmeza a ideia primordial de um ser supremo e de uma certeza suprema intuitivamente apreendida, e que tivesse transmitido a luz dessa certeza a todo o ser a todo e a todo o saber dela deduzido. É o que efetivamente ocorre quando, pelo método da demonstração e da dedução rigorosa, são mediatamente ligadas à certeza primordial outras proposições, a fim de se percorrer, por meio dessa conexão mediata, toda a cadeia do cognoscível e de a encerrar sobre si mesma”. (p. 24)

²⁵ Por exemplo: “A filosofia de Leibniz e de Wolff indicou uma perspectiva totalmente errada a todas as investigações acerca da natureza e origem dos nossos conhecimentos, considerando apenas puramente lógica a distinção entre o sensível e o intelectual, porquanto essa diferença é, manifestamente, transcendental e não se refere tão-só à sua forma | clara ou obscura, mas à origem e conteúdo desses conhecimentos. [...]” (KrV A 44).

Na filosofia crítica iniciada por Kant, não é mais possível falar exclusivamente em condições do *objeto-em-si*, mas unicamente de condições do “*objeto-em-relação-ao-sujeito*”²⁶, visto que, o conhecimento se efetiva a partir daquilo que o sujeito põe nos objetos no próprio ato de conhecê-los. Segundo Rohden:

Kant entendeu, pois, o conhecimento como uma complexa ação teórica de identificação objetiva, que, invertendo a perspectiva tradicional, confere ao sujeito uma iniciativa na elaboração do material do conhecimento, segundo certas condições subjetivas que são as faculdades e suas respectivas formas: a sensibilidade com as formas de espaço e tempo, e o entendimento com os conceitos básicos chamados categorias. (ROHDEN, 1986, p. 111).

As duas fontes fundamentais da nossa faculdade de conhecer que possibilitam o “conhecimento”²⁷ do objeto na medida em que nos aparece como um fenômeno

Ora, como observa Rohden (1986) e Kant na *Crítica da razão pura*, nosso “ânimo” (*Gemüt*)²⁸ se divide em dois troncos que constituem as duas fontes fundamentais de conhecimento da nossa faculdade de conhecer, ou seja, “o saber do sentido (intuições) e o conhecimento do intelecto (conceitos)”²⁹

Essas duas formas de conhecimento são diferentes por natureza, todavia, também Kant admite que “porventura” (*vielleicht*) nascem de uma raiz comum, mas para nós desconhecida. Mediante os sentidos os objetos nos são dados, ao passo que mediante o intelecto são pensados.

Parece-nos, pois, apenas necessário saber, como introdução ou prefácio, que há dois troncos do conhecimento humano, porventura oriundos de uma raiz comum, mas para nós desconhecida, que são a *sensibilidade* e o *entendimento*; pela primeira são-nos dados os objectos, mas pela segunda são esses objectos *pensados*. (*KrV* B 29).³⁰

²⁶ Não é o sujeito que se rege pelos objetos tais como eles são em si mesmos, mas os objetos que se regem pela nossa faculdade de conhecer, o sujeito deixa de ser “receptor”, e torna-se em Kant “construtor”.

²⁷ No que concerne ao conceito de “conhecimento” na filosofia kantiana, este é o resultado da correlação entre as estruturas *a priori* e imanentes do sujeito com a “matéria” (sensações e impressões) do objeto, em outras palavras, o conhecimento é constituído pela matéria proveniente do objeto e pela elaboração que esta sofre graças à estruturado sujeito no entendimento e na sensibilidade. O conhecimento (*Erkenntnis*) do objeto corresponde à sua segunda forma, i.e., na medida em que nos aparece como um “fenômeno”.

²⁸ Em relação à tradução do termo *Gemüt* para ânimo, indicamos o trabalho: “O sentido do termo “Gemüt” em Kant” de Valério Rohden.

²⁹ Para Kant, o conhecimento é “[...] intuição ou conceito (*intuitus vel conceptus*). A primeira refere-se imediatamente ao objecto e é singular, o segundo refere-se mediatamente, por meio de um sinal que pode ser comum a várias coisas” (*KrV* A 320 / B 377). As duas espécies de conhecimento, a saber: intuições ou conceitos, correspondem às duas fontes de conhecimento, ou seja, a sensibilidade e o entendimento.

³⁰ No original: Nur so viel scheint zur Einleitung, oder Vorerinnerung, nötig zu sein, daß es zwei Stämme der menschlichen Erkenntnis gebe, die vielleicht aus einer gem einschaftlichen, aber uns unbekanntem Wurzel

Portanto, conhecer³¹ efetivamente os objetos para a filosofia kantiana, nos exigiria uma investigação acerca das estruturas formais e/ou empíricas das duas fontes de conhecimento: a sensibilidade e o entendimento, que subsumidas uma à outra por meio do “esquema transcendental”³² possibilitam a intelecção do objeto.

Sem a sensibilidade, nenhum objecto nos seria dado; sem o entendimento, nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas. Pelo que é tão necessário tornar sensíveis os conceitos (isto é, acrescentar-lhes o objecto na intuição) como tornar compreensíveis as intuições (isto é, submetê-las aos conceitos). Estas duas capacidades ou faculdades não podem permutar as suas funções. O entendimento nada pode intuir e os sentidos nada podem pensar. Só pela sua reunião se obtém | conhecimento [*Erkenntnis*]. (*KrV* A 51 / B 75).

O conhecimento do objeto na medida em que nos aparece como fenômeno, só é possível graças à “correlação da sensibilidade e do entendimento”³³, ou seja, a determinação (conceitual) da experiência se concretiza com as “categorias” (formas *a priori* do entendimento), que tornam a experiência possível conhecida por conceitos³⁴.

Por outras palavras, mediante a cooperação recíproca da sensibilidade e do entendimento, unificando “percepções” mediante “esquemas” da imaginação sob “conceitos”, o ser racional finito determina (conceitualmente) a experiência, determinação que é um conhecimento real e objetivo, constituído por uma conexão de percepções operada sob regras lógicas e discursivas do entendimento, desta forma, a imaginação aparece neste caso como um eixo de ligação ou congruência das duas fontes fundamentais que propiciam a consecução do conhecimento.

Assim, a experiência envolve dados empíricos e elementos *a priori* [...] a imaginação, através da produção de imagens puras chamadas esquemas [...] e graças a uma afinidade com aquelas, realiza a síntese das percepções e permite a aplicação dos conceitos do entendimento a esses produtos da sensibilidade. (ROHDEN, 1986, p. 115).

entspringen, nämlich Sinnlichkeit und Verstand, durch deren ersteren uns Gegenstände gegeben, durch den zweiten aber gedacht werden.

³¹ “Há [...] duas condições pelas quais o conhecimento de um objeto é possível: a primeira é a *intuição*, pela qual é dado o objecto [...] a segunda é o *conceito*, pelo qual é pensado um |objecto que corresponde a essa intuição.” (*KrV* B 125 / A 93). Logo, “Para *conhecer* [*erkennen*] um objecto é necessário poder provar a sua possibilidade seja pelo testemunho da experiência a partir da sua realidade, seja *a priori* pela razão. (*KrV* B XXVII)

³² (Cf. *KrV* B 177 / A 138)

³³ (Cf. *KrV* B 29 / A 146 / B186)

³⁴ “Os conceitos [...] referem-se, enquanto predicados de juízos possíveis, a qualquer representação de um objecto *ainda* indeterminado” (*KrV* B 94). Assim, a sensibilidade e o entendimento devem ser correlacionados para possibilitar o “pensamento” (*Denken*), i.e., a unificação de representações numa consciência, ou juízo.

No entanto, como havíamos apontado anteriormente, salientamos que não nos aprofundaremos aqui ao papel atribuído à imaginação na elaboração do conhecimento do fenômeno, que envolve a doutrina do “esquematismo” e o entendimento, ao contrário, nosso enfoque é no papel atribuído à imaginação na elaboração do saber como etapa cognitiva inicial que prepara a elaboração do conhecimento, que provém exclusivamente da sensibilidade.

Isto posto, portanto, apresentaremos adiante em primeiro lugar a sensibilidade com os elementos que a compõem, a partir daí, na segunda parte, nós direcionamos para os papéis específicos atribuídos à imaginação na sensibilidade, exercendo as suas atribuições sem a intervenção do entendimento, ou seja, mesmo que sem a aplicação das categorias nas intuições fornecidas pela sensibilidade, nota-se já a produção de um saber (mesmo que grosseiro) do objeto na medida em que nos aparece como aparecimento.

1.3 A FILOSOFIA TRANSCENDENTAL DE KANT, PRIMEIRA PARTE, SOBRE A SENSIBILIDADE: FONTE FUNDAMENTAL DE PRODUÇÃO DO “SABER”

A capacidade de receber representações [...], graças à maneira como somos afectados pelos objectos, denomina-se *sensibilidade*. (*KrV* A 17 / B 31).

Kant chama de “estética” a doutrina do sentido e da sensibilidade, não no sentido comum do termo hoje em dia, mas no seu significado etimológico: *aisthesis* em grego, que significa “sensação” e “percepção sensorial”.

Ele designa a sensibilidade como uma faculdade mediante a qual somos suscetíveis de sermos modificados pelos objetos por meio dos sentidos, o que denotaria sua característica como uma faculdade receptiva (passiva), no entanto, na *Antropologia* (*Anth* §15 153) e na *Crítica* (*KrV* B 151), Kant afirma que a imaginação pode intuir ou lidar com representações intuitivas também sem a presença do objeto.

Esta atividade da imaginação de lidar com representações intuitivas sem a presença imediata do objeto na sensibilidade, sugere para Calábria (2011, p. 139), e também para Heidegger (2019, p. 129), um forte indício da sua espontaneidade, o que caracterizaria a sensibilidade como tendo duas partes, uma parte receptiva (passiva) representada pela capacidade dos sentidos e uma parte espontânea (ativa) representada pela imaginação.

Portanto, podemos afirmar que a sensibilidade é a primeira faculdade importante do ânimo como fonte fundamental que prepara a produção do conhecimento. Kant a caracteriza como uma faculdade de representação sensível, que possibilita o acesso aos dados do objeto tanto por meio dos sentidos como por meio da imaginação. “Na faculdade de conhecer (faculdade das representações na intuição), a *sensibilidade* contém duas partes: o *sentido* e a *imaginação*. — O primeiro é a faculdade de intuição na *presença* do objeto; a segunda, também *sem a presença deste*” (*Anth* §15 153).

Os sentidos, capacidade sensível

Os sentidos correspondem à capacidade receptiva (passiva) e sensível da sensibilidade, “[...] são divididos por sua vez em sentido *externo* e *interno* (*sensus internus*); o primeiro é aquele em que o corpo humano é afetado pelas coisas corporais, o segundo, aquele

em que é afetado pela mente [...]” (*Anth* §15 153)³⁵

Os sentidos nos possibilitam o acesso *a posteriori* imediato à “matéria”³⁶ (*KrV* B 34) dos objetos, ou seja, as “sensações”³⁷ e as “impressões”³⁸, i.e., aos múltiplos dados sensoriais da experiência.

[...] (nas coisas como aparecem no conhecimento sensível) [...]. A matéria é dada por cada uma das sensações ou modificações produzidas em nós pelo objeto, e como tal pode ser somente *a posteriori* (não posso sentir frio ou calor ou sentir doce ou amargo a não ser em consequência da experiência, não antes). (REALE, 2017, p. 773).

A matéria recebida pelos sentidos, representa a pura modificação ou afecção sensorial que o sujeito recebe (passivamente) por ação do objeto sob as formas *a priori* da intuição sensível: espaço e tempo, que são fornecidas pela faculdade da sensibilidade, todavia, ainda não há nessa primeira intuição uma “percepção”, como forma cognitiva de saber do objeto.

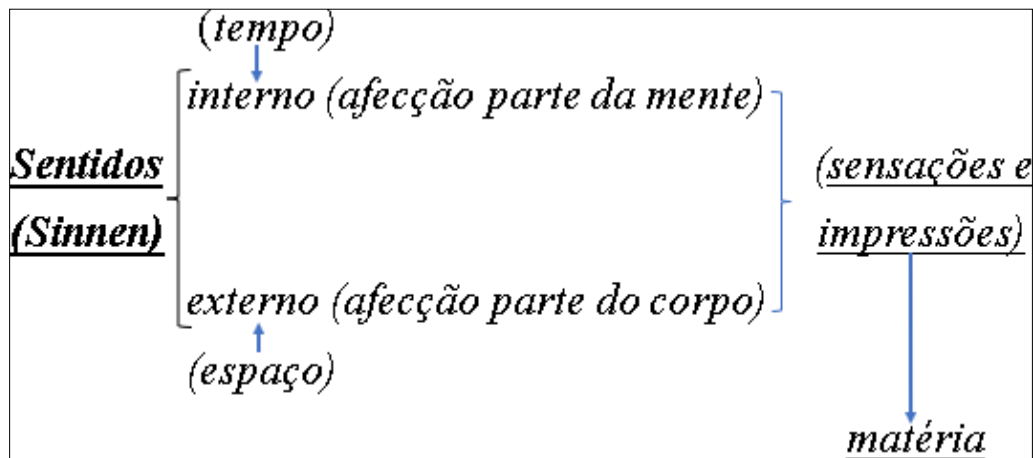


Figura 1 Os sentidos

35 Em relação ao sentido e suas subdivisões em externo e interno, “[...] suas representações sejam igualmente resultantes de afecções *no corpo*, embora no primeiro caso elas sejam afecções *provenientes do corpo* (como cores, sons, cheiros, etc.), enquanto no segundo caso elas sejam afecções *provenientes da mente* (como náusea, calor, frio, calafrio e terror)”. (CALÁBRIA, 2011, p. 124-125)

36 A matéria dos sentidos pode ser identificada como: “sensações e impressões”, “múltiplos ou multiplicidade de dados sensoriais”, “multiplicidade de impressões desconexas”, “diverso da intuição” ou “múltiplo sensível”, todas estas nomenclaturas encontram-se mencionadas neste trabalho.

37 “O efeito de um objecto sobre a capacidade representativa, na medida em que por ele somos afectados, é a *sensação*”. (*KrV* B 34). “Uma representação pelo sentido, de que se é consciente como sendo uma tal, chama-se *sensação* <*Sensation*> especialmente quando o sentimento desperta simultaneamente a atenção para o estado do sujeito” (*Anth* §15 153).

38 (cf. *KrV* B 1)

Em conclusão, o papel dos sentidos é nos fornecerem as sensações e as impressões, i.e., o “diverso” (*Mannigfaltigen*) da intuição, sob as formas *a priori* da nossa faculdade cognitiva de conhecer, porquanto será este diverso da intuição pelo qual a imaginação exercerá sua primeira operação de síntese³⁹.

As formas a priori (puras)⁴⁰ da intuição sensível presentes na faculdade da sensibilidade

Chamo *puras* (no sentido transcendental) todas as representações em que nada se encontra que pertença à sensação. Por consequência, deverá encontrar-se absolutamente *a priori* no espírito a forma pura das intuições sensíveis em geral [...] (*KrV B 34*)

Conforme mencionamos acima, encontram-se nos sentidos as formas *a priori* da intuição sensível, que correspondem à estrutura imanente *a priori* da faculdade da sensibilidade, atuando como “predisposições dos sentidos”⁴¹, “ordenando” (*KrV B 34*) a matéria segundo diferentes modos e perspectivas, assim, possibilitando a sua recepção a partir de afecções da experiência pelos objetos. Sobre isso, explicita Reale:

A forma da intuição “não vem das sensações e da experiência, mas vem do sujeito e é aquilo pelo qual os múltiplos dados sensoriais são “ordenados em determinadas relações”. E, visto que a forma é o modo de funcionamento da sensibilidade, esta é *a priori* em nós. [...] Consequentemente, é evidente que nós não precisamos sair de nós mesmos para conhecer as formas sensíveis dos fenômenos (espaço e tempo), pois as temos em nós mesmos *a priori*. (REALE, 2017, p. 773).

Dito isto, resulta que as formas *a priori* presentes na sensibilidade fornecem ou conferem a possibilidade para a elaboração cognitiva do saber.

Visto que um objecto só nos pode aparecer mediante estas formas puras da sensibilidade, isto é, ser um objecto da intuição empírica, o espaço e o tempo são intuições puras que contêm *a priori* a | condição da possibilidade dos objectos enquanto fenômenos [*Erscheinungen*], e a sua síntese possui validade objectiva. (*KrV A 89 / B 122*).

³⁹ Para Kant, a imaginação, como veremos detalhadamente na segunda parte, é responsável pela operação de síntese dos dados sensoriais recebidos na sensibilidade por meio dos sentidos. “O que primeiro nos tem de ser dado para efeito do conhecimento de todos os objectos *a priori* é o diverso da intuição pura; | a *síntese* desse diverso pela imaginação é o segundo passo [...]” (*KrV A 78-79*).

No original: Das erste, was uns zum Behuf der Erkenntnis aller Gegenstände a priori gegeben sein muß, ist das Mannigfaltige der reinen Anschauung; | die Synthesis dieses Mannigfaltigen durch die Einbildungskraft ist das zweite [...].

⁴⁰ É dito *a priori* ou *puro* o que não se *origina* da experiência, por oposição a *a posteriori*, sinônimo de empírico.

⁴¹ “O espaço e o tempo, enquanto condições da possibilidade de nos serem dados objectos, apenas têm validade em relação aos objectos dos sentidos, portanto só da experiência. Para além destes limites nada representam; estão apenas nos sentidos e fora deles não têm realidade”. (*KrV B 148*).

Portanto, para Kant, como vimos, há “[...] duas formas puras da intuição sensível, como princípios do conhecimento *a priori*, a saber, o espaço e o tempo” (*KrV* A 22). Desta forma, o espaço (forma do sentido externo) e o tempo (forma do sentido interno) correspondem às condições formais *a priori* que possibilitam a recepção dos múltiplos dados sensoriais pela faculdade da sensibilidade.

O espaço não é mais do que a forma [...] dos sentidos externos, isto é, a condição subjectiva da sensibilidade, única que permite a intuição externa. Como a receptividade do sujeito, mediante a qual este é afectado por objectos, precede necessariamente todas as intuições desses objectos, compreende-se como a forma de [...] ser dada no espírito antes de todas as percepções reais, por conseguinte *a priori*, e, como ela, enquanto intuição pura na qual todos os objectos têm que ser determinados, possa conter, anteriormente a toda a experiência, os princípios das suas relações. (*KrV* A 26 / B 42).

O tempo não é mais do que a forma do sentido interno, isto é, da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior [...] o tempo [...] não pertence a uma figura ou a uma posição, etc., antes determina a relação das representações no nosso estado interno [...] todos os objectos dos sentidos, estão no tempo e necessariamente sujeitos às relações do tempo. (*KrV* B 50-51).

Pois bem, fica evidente que na filosofia kantiana, espaço e tempo deixam de ser determinações ontológicas ou formas estruturais que dão organização e sustentação aos objetos e (depois da viragem copernicana) se tornam modos e funções próprias do “sujeito”.

As formas da sensibilidade, espaço e tempo, são pois, aquilo que o sujeito envia ao objeto para que o objeto [...] possa ser conhecido [...] o espaço e o tempo não são propriedades que pertençam às coisas “absolutamente”, mas formas da sensibilidade, condições para a perceptibilidade, que nós, os sujeitos, pomos nas coisas [...] (MORENTE, 1970, p. 235).

Em suma, as formas *a priori* da intuição sensível presentes na sensibilidade, fornecem o terreno (as condições necessárias) para a construção cognitiva do saber preparatório do conhecimento do objeto, todavia, elas são ainda uma pré-condição para a elaboração inicial deste saber, ou seja, a “simples forma da intuição, sem substância, não é em si um objecto, mas a sua condição simplesmente formal [...], como o espaço puro e o tempo puro que são algo, sem dúvida, como formas de intuição, mas não são em si objectos susceptíveis de intuição.” (*KrV* A 291). Sobre isso, comenta Dutra (2010):

[...] a sensibilidade é a faculdade por meio da qual os objetos nos são dados. E tempo e espaço são as duas formas puras da sensibilidade, formas que possibilitam que nos sejam dados os objetos. Os objetos nos são dados enquanto representados no tempo e no espaço. Para Kant, não apenas as noções de tempo e de espaço não podem ser inferidas da experiência sensível de objetos (tempo e espaço são intuições puras — e são, assim, condições de toda a experiência sensível), mas também tempo e espaço não são características das coisas-em-si. [...] Para que quaisquer objetos nos sejam dados, é preciso que a sensibilidade, diz Kant, já possua as formas por meio das quais pode representá-los [...] tempo e espaço são as formas puras constitutivas da sensibilidade, o mundo dos fenômenos que nos é dado é sempre o mesmo. [...] Espaço e tempo, segundo Kant, são as condições de possibilidade de haver um mundo empírico — um mundo de fenômenos — que possamos investigar e conhecer. Além disso, como todos os objetos que nos são dados estão localizados no espaço e no tempo — esses são os limites do conhecimento possível. (DUTRA, 2010, p. 130-131)

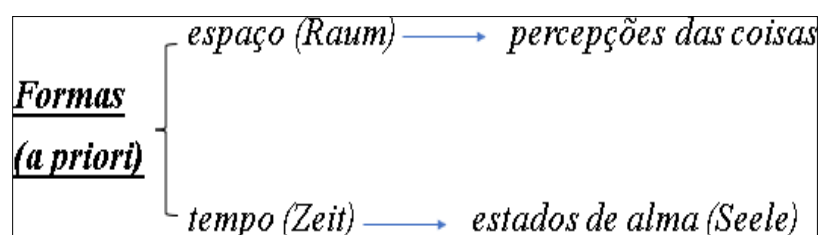


Figura 2 As formas a priori da sensibilidade

Considerações da primeira parte

À vista do que apresentamos nessa primeira parte, a produção do saber na sensibilidade começa, com a recepção da matéria pelos sentidos, capacidade esta que é amparada pelas formas *a priori* presentes na sensibilidade, entretanto, essa matéria encontra-se no ânimo ainda desconectada e desconexa, assim, se faz necessário uma segunda capacidade sensível que a reúna e a relacione de forma organizada e perceptível, desta forma, produzindo efetivamente um saber real e sensível da experiência que só a sensibilidade pode fornecer.

Esta segunda capacidade da sensibilidade, como mencionamos, é a imaginação, responsável pelas operações de síntese do múltiplo sensorial dado sob as formas *a priori* do espaço e do tempo.

Portanto, vejamos agora na segunda parte, os papéis de síntese realizados pela imaginação que propiciam a consecução deste saber.

CAPÍTULO II

A IMAGINAÇÃO

2.1 A FILOSOFIA TRANSCENDENTAL DE KANT, SEGUNDA PARTE, SOBRE A IMAGINAÇÃO

Podemos afirmar com o que foi exposto até aqui, que o homem, para Kant, é dotado de um único tipo de intuição, i.e., a intuição própria da sensibilidade⁴², tendo em vista que o intelecto humano não intui, mesmo que se refira sempre quando pensa aos dados que a sensibilidade lhe fornece, a sensibilidade é a fonte fundamental de conhecimento que dispomos para receber as sensações e as impressões, ou seja, a faculdade mediante a qual somos suscetíveis de sermos modificados pelos objetos.

No saber como primeira etapa cognitiva preparatória do conhecimento do objeto, encontram-se concretamente presentes, como mencionamos, a matéria (sensações e impressões), i.e, o diverso dos dados sensoriais, fornecidos pela capacidade receptiva dos sentidos sob as formas *a priori* do espaço e do tempo.

Todavia, em última instância, a possibilidade cognitiva de construção do saber, é proporcionada pela capacidade da imaginação com as suas operações de síntese, a saber: (i) a síntese do diverso, e (ii) a síntese da reprodução. Sobre isso, diz Calábria:

[...] para que tenhamos a *percepção* de algo não basta o papel desempenhado pelos sentidos, que são meramente receptivos (passividade), mas para que possamos perceber um objeto presente na intuição é necessário *também* que uma atividade seja executada. Isto requer, portanto, o papel de outra capacidade, tanto sensível, quanto ativa (espontânea). Devido à sua receptividade, os sentidos só nos fornecem representações intuitivas *desconectadas* (impressões), justamente por faltar-lhe o *poder* de sintetizá-las. Tal síntese somente pode ser feita sob a condição de uma espontaneidade do ânimo que reúna tais impressões, inicialmente recebidas de forma isolada, em uma intuição empírica que as compreende. Este é precisamente o papel que cabe à imaginação exercer” (CALÁBRIA, 2017, p. 330).

Com efeito, a primeira atividade de síntese da imaginação na sensibilidade, resulta na produção cognitiva inicial do saber, sem a intervenção de qualquer outra faculdade do ânimo, o que corresponde, segundo Calábria (2011, p. 157), a uma conduta autônoma da imaginação.

Para Kant, a imaginação opera de forma autônoma quando ela exerce suas atividades independente de regras alheias ao seu domínio, ou seja, a imaginação encontra em si mesma como primeiro princípio de seu exercício na sensibilidade a síntese do diverso⁴³ (ou a

⁴² O intelecto humano não intui, ou seja, não há intuição intelectual, visto que, para Kant, não temos acesso imediato aos princípios da razão.

⁴³ (cf. *KrV* A 94 / B 127)

síntese da apreensão⁴⁴) na intuição, síntese que tem a capacidade de reunir os múltiplos dados sensoriais em um “conteúdo” (*Inhalte*)⁴⁵ ou “unidade da intuição” (*Einheit der Anschauung*)⁴⁶, sem recorrer ao entendimento.

Em seguida, após formar um conteúdo que representa o diverso da intuição em uma “imagem” (*Bild*), a imaginação opera outra síntese na sensibilidade, i.e., a síntese da reprodução⁴⁷, síntese que tem a capacidade de reproduzir ou trazer de volta ao espírito o conteúdo da intuição reunido pela síntese do diverso, mas com uma capacidade nova em relação à síntese antecedente, ou seja, a síntese da reprodução possibilita encadear, unir, comparar e ligar estas representações no tempo como simultâneas ou sucessivas, nos dando a condição de formar em nosso aparato cognitivo um saber do objeto.

⁴⁴ (cf. *KrV* 99)

⁴⁵ (cf. *KrV* B 103 / A 78)

⁴⁶ (cf. *KrV* 99)

⁴⁷ (cf. *KrV* A 100)

2.2 “Síntese do diverso”, primeira atividade da imaginação na sensibilidade

Ao tratarmos dos sentidos como capacidade sensível, mencionamos que o ânimo é afetado pelos objetos por meio dos sentidos (interno e externo), que nos fornecem a matéria (sensações e impressões) das representações sob as formas *a priori* presentes na sensibilidade.

Nesta etapa inicial da elaboração cognitiva do saber, os sentidos fornecem ao nosso ânimo uma multiplicidade desconexa de dados sensoriais que, por conseguinte, a imaginação realiza em primeiro lugar uma síntese do diverso, ou seja, uma síntese do múltiplo sensível — mesmo que “grosseira” e “confusa” (*KrV B 103*) — em um conteúdo subjetivo da faculdade da sensibilidade.

[...] a síntese de um diverso [...] produz primeiro um conhecimento, que pode aliás de início ser ainda grosseiro e confuso e portanto carecer da análise; no entanto, é a síntese que, na verdade, reúne os elementos para os conhecimentos e os une num determinado conteúdo; é pois a ela que temos de atender em primeiro lugar, se quisermos julgar sobre a primeira origem do nosso conhecimento [*Erkenntnis*]. (*KrV B 103 / A 78*).⁴⁸

A síntese do diverso que opera sob as formas *a priori* presentes na sensibilidade, reúne ou liga primeiro num determinado conteúdo o diverso dos dados sensoriais, o que corresponde a uma elaboração cognitiva inicial do saber que embora seja “[...] um simples efeito da imaginação, função cega [...]” (*KrV A 78*) é “[...] imprescindível da alma sem a qual nunca teríamos conhecimento algum, mas da qual muito raramente temos consciência” (*KrV A 78*).

Outra passagem que apresenta a imaginação como uma faculdade de síntese dos múltiplos dados sensoriais em um conteúdo, encontra-se na versão (A) da *Crítica*, na *Dedução dos conceitos puros do entendimento*, que faz referência à constituição do nosso conhecimento em uma “tripla síntese” que, “[...] conduzem-nos às três fontes subjectivas do conhecimento que tornam possível o entendimento e, mediante este, toda a | experiência [...]” (*KrV A 97 / A 98*)⁴⁹. Sobre isso, diz Kant:

⁴⁸ No original: Die Synthesis eines Mannigfaltigen [...] bringt zuerst ein Erkenntnis hervor, die zwar anfänglich noch roh und verworren sein kann, und also der Analysis bedarf; allein die Synthesis ist doch dasjenige, was eigentlich die Elemente zu Erkenntnissen sammelt, und zu einem gewissen Inhalte vereinigt; sie ist also das erste, worauf wir acht zu geben haben, wenn wir über den ersten Ursprung unserer Erkenntnis urteilen wollen.

⁴⁹ Excerto importante, que caracteriza o papel da sensibilidade como faculdade “receptiva” ligada aos sentidos e “espontânea” (ativa) ligada à síntese do diverso pela imaginação.

Há [...] três fontes primitivas (capacidades ou faculdades da alma), que encerram as condições de possibilidade de toda a experiência e que, por sua vez, não podem ser derivadas de qualquer outra faculdade do espírito; são os *sentidos*, a *imaginação* e a *apercepção*. Sobre elas se fundam 1) a *sinopse* do diverso *a priori* pelos sentidos; 2) a *síntese* do diverso pela imaginação [...] (*KrV* A 94 / B 127).

Nota-se, desta forma, o primeiro papel exercido pela imaginação na sensibilidade, mesmo que seja uma “função cega” (*KrV* A 78) — por não recorrer ao entendimento — é de sua responsabilidade a “síntese do diverso” (*KrV* A 94 / B 127), i.e., a reunião ou ligação do diverso em um conteúdo, sem a qual não seria possível posteriormente a “percepção” do objeto como “aparecimento”.

Kant entende por “síntese”, “[...] o acto de juntar, umas às outras, diversas representações e conceber a sua diversidade num conhecimento” (*KrV* B 103), a síntese do diverso corresponde à “síntese da apreensão” do múltiplo sensível.

Toda a intuição contém em si um diverso que, porém, não teria sido representado como tal, se o espírito não distinguisse o tempo na série das impressões sucessivas, pois, *como encerrada num momento*, nunca pode cada representação ser algo diferente da unidade absoluta. Ora, para que deste diverso surja a unidade da intuição (como, por exemplo, na representação do espaço), é necessário, primeiramente, percorrer esses elementos diversos e depois compreendê-los num todo. Operação a que chamo *síntese da apreensão*, porque está directamente orientada para a intuição, que, sem dúvida, fornece um diverso. Mas este, como tal, e como contido *numa representação*, nunca pode ser produzido sem a intervenção de uma síntese. (*KrV* A 99/ B 137).

Portanto, a síntese do diverso (ou a síntese da apreensão), primeira atividade importante da imaginação na sensibilidade, percorre os elementos da multiplicidade sensorial recebidos pelos sentidos, afim de reuni-los ou “compreendê-los num todo” (*KrV* A 99 / B 137), i.e., enquanto um conteúdo, desta forma, é preciso admitir que sem esta capacidade da imaginação, servindo de fundamento inicial à possibilidade de toda a “representação intuitiva”, não seria possível posteriormente a consciência do diverso como simultâneo ou como sucessivo, consciência que prepara ou fundamenta a elaboração cognitiva do saber, por meio da associação de representações pela síntese da reprodução.

Dito isto, fica claro que a síntese do diverso ainda não encerra a condição final⁵⁰ ou concreta de possibilidade construtiva do saber como primeira etapa cognitiva para a elaboração do conhecimento do objeto, porquanto, a síntese do diverso tem como papel exclusivamente a elaboração de uma “imagem” (*Bild*), que represente em um conteúdo as multiplicidades de impressões desconexas fornecidas pelos sentidos. Sobre isso, conclui Kant:

⁵⁰ A condição final de formação do saber fica sob o encargo da “síntese da reprodução”, veremos com mais detalhes no próximo tópico.

[...] todo o fenómeno [*Erscheinung*] contém um diverso e, portanto, se encontram no espírito percepções diversas, disseminadas e isoladas, é necessária uma ligação entre elas, que elas não podem ter no próprio sentido. Há, pois, em nós uma faculdade activa [*tätiges*] da síntese deste diverso, que chamamos imaginação, e a sua acção, que se exerce imediatamente nas percepções, designo por *apreensão*. A imaginação deve, com efeito, reduzir a uma *imagem* [*Bild*] o diverso da intuição; portanto, deve receber previamente as impressões na sua actividade, isto é, apreendê-las. (*KrV* A 120)

Capacidade produtiva e autora da imaginação

Segundo Kant, “[...] todo o conhecimento se inicia *com* a experiência, mas isso não prova que todo ele derive *da* experiência” (*KrVB* 1). Isto posto, por um lado, há o conhecimento que se inicia com a experiência, mas não se origina da experiência, que Kant intitula de *a priori* e representa as formas *a priori* da sensibilidade. Por outro lado, há o conhecimento que se inicia e se origina da experiência, que Kant intitula de *a posteriori* e representa a matéria (sensações e impressões) dos objetos, ambos são adquiridos com a experiência, mas têm origens distintas.

Esta identificação inicial é muito importante, porque a primeira síntese da imaginação, ou seja, a síntese do diverso, corresponde à capacidade produtiva da imaginação, i.e., a capacidade de fabricar, em um primeiro momento, representações, imagens, sem a presença do objeto, em outras palavras, neste caso, a imaginação tem a capacidade de lidar com os múltiplos dados sensoriais recebidos pelos sentidos sob as formas *a priori* da sensibilidade, sem haver a necessidade da presença imediata do objeto, esta atividade original da imaginação na sensibilidade representa para Heidegger a parte espontânea (ativa) da imaginação:

A imaginação “pode” intuir, pode receber uma visão, sem que o intuído que está em questão se mostre a si mesmo como ente e providencie a visão unicamente a partir de si mesmo. [...] ela é a faculdade de, de certo modo, dar tais visões a si mesma. A imaginação pode, portanto, ser chamada uma faculdade de formar num duplo sentido peculiar. Enquanto faculdade de intuir, ela é formadora [*bildend*] no sentido de proporcionar a imagem (a visão) [*Bild*-(Anblick-)]. Ela cumpre-se a si mesma enquanto faculdade que não está remetida à presencialidade daquilo que é intuível, isto é, ela cria [*schafft*] e forma [*bildet*] a imagem [*Bild*]. (HEIDEGGER, 2019, p. 139).

Porém, apesar dessa “força formadora” (*bildende Kraft*)⁵¹ da imaginação, Kant nos adverte que não devemos confundi-la com uma capacidade de poder criar, por si própria, a matéria de nossas representações, pois a imaginação “[...] não é capaz de produzir uma representação sensível que nunca foi dada a nossa faculdade de sentir [...]” (*Anth* §28 168).

⁵¹ (*KPM*, p. 129)

Isto significa, por um lado, que apesar da imaginação realizar a síntese do diverso sem a presença do objeto, reunindo este diverso em um conteúdo, ela não pode operar na sensibilidade sem o material recebido pelos sentidos, “[...] a imaginação não é criadora, mas precisa retirar dos sentidos a *matéria* para suas criações” (*Anth* §28 168).

A imaginação produtiva forma apenas a visão de um objeto possível e talvez também produzível, isto é, passível de ser trazido à presencialidade, sob determinadas condições. Mas não é o imaginar ele mesmo que realiza esta produção. O formar produtivo da imaginação não é sequer “criador” no sentido de que poderia formar o conteúdo da imagem pura e simplesmente a partir do nada, isto é, a partir daquilo que ainda nunca e em nenhuma parte foi experimentado. (HEIDEGGER, 2019, p. 140-141).

Por outro lado, apesar da advertência de Kant, ele nos indica no texto da *Antropologia*, que a imaginação tem como uma “*disposição formal*” (CALÁBRIA, 2017, p. 333), ou uma configuração sensível própria que possibilita a produção ou invenção de “[...] algo que *não* havia sido experimentado anteriormente de um determinado ou específico *modo*” (CALÁBRIA, 2017, p. 333), esta disposição formal ou atividade da imaginação corresponde à sua capacidade “autora” (ou poética)⁵².

Contudo, Kant insiste que esta produtividade autora⁵³ da imaginação, não significa uma capacidade de poder criar por si mesma uma imagem que não tenha uma possibilidade de correspondência com a matéria da experiência.

A imaginação não é, entretanto, tão criadora quanto se afirma. Não podemos pensar como adequada para um ser racional outra figura que a de um ser humano. Por isso, o escultor ou o pintor sempre faz um ser humano quando elabora um anjo ou Deus. Qualquer outra figura lhe parece conter partes que, segundo sua ideia, não se deixam unir com a constituição de um ser racional (como asas, garras ou patas). O tamanho, ao contrário, pode ser imaginado por ele com bem entender. (*Anth* §32 178).

Em conclusão, Kant descreve a síntese do diverso da imaginação na sensibilidade também como uma capacidade de produção autoral, responsável pela reunião dos múltiplos dados sensoriais em um conteúdo inicial do saber, desta forma, a capacidade autora da imaginação pode ser inventiva com relação à “forma” da intuição (no caso dos artistas), mas

⁵² “A imaginação é (noutras palavras) ou *poética* (produtiva), ou meramente evocativa (reprodutiva)”. (*Anth* §28 168).

No original: Die Einbildungskraft ist (mit anderen Worten) entweder dichtend (produktiv), oder bloß zurückrufend (reproduktiv).

⁵³ A imaginação terá uma atividade original (autora), por exemplo, quando um artista produz uma obra, ou um cientista propõe uma teoria etc., que não haviam sido dados na anteriormente na experiência, entretanto, a “matéria” dessas produções originais deve sempre ser comprovada, i.e., deve sempre encontrar correspondência com suas representações sensíveis.

não com relação à sua “matéria” recebida pelos sentidos, portanto, a imagem fabricada pela imaginação, por meio da sua primeira síntese na sensibilidade, sem a presença imediata do objeto, mesmo sendo uma imagem confusa e desconectada, ainda é capaz de tocar a sensibilidade provocando ou suscitando o desenvolvimento cognitivo do saber.

2.3 “Síntese da reprodução”, segunda atividade da imaginação na sensibilidade

Por conseguinte, além da síntese do diverso que reúne em um determinado conteúdo a multiplicidade de dados sensoriais também de forma produtiva, há uma outra operação ou atividade da imaginação na sensibilidade, ou seja, uma outra síntese, i.e., a síntese da reprodução⁵⁴, responsável por manejar este conteúdo inicial.

[...] aquela, segundo a qual, representações que frequentemente se têm sucedido ou acompanhado, acabam, finalmente, por se associar entre si, estabelecendo assim uma ligação tal que, mesmo sem a presença do objecto, uma dessas representações faz passar o espírito à outra representação, segundo uma regra constante. (*KrV* A 100).

A síntese da reprodução corresponde à capacidade da imaginação de reproduzir, ligar e associar representações no tempo, por exemplo:

Se o cinábrio fosse ora vermelho, ora preto, ora leve, ora pesado, se o homem se transformasse ora nesta ora naquela forma animal, se num muito longo dia a | terra estivesse coberta ora de frutos, ora de gelo e neve, a minha imaginação empírica nunca teria ocasião de receber no pensamento, com a representação da cor vermelha, o cinábrio pesado; ou uma certa palavra fosse atribuída ora de uma maneira, ora de outra, sem que nisso houvesse uma certa regra, a que os fenómenos [*Erscheinungen*] estivessem por si mesmo submetidos, não podia ter lugar nenhuma síntese empírica da reprodução. (*KrV* A 100/ A 101).

Com efeito, Kant apresenta a imaginação como uma faculdade que tem como capacidade não só conceber ou criar imagens, formas ou representações de objetos ausentes ou mesmo inexistentes, mas que serve de fundamento à possibilidade de toda a experiência humana, seja na atividade de sonhar, rememorar, imaginar etc., a capacidade de reprodução e associação na imaginação do conteúdo, por exemplo, da “cor vermelha com o cinábrio pesado”, do “som do trovão com a chuva” etc., acaba, finalmente, por validar cognitivamente o saber do objeto que nos aparece para a nossa faculdade de conhecer como um *Erscheinung*.

Como a condição ou possibilidade desta síntese reprodutiva da imaginação depende necessariamente da determinação do sentido interno, “[...] pelo qual é dado empiricamente o diverso da intuição para ser assim ligado [...]” (*KrV* B 139), segue-se, para que a imaginação possa exercer sua atividade tanto de reprodução da experiência repetidas vezes, associando e ligando conteúdos, quanto sua atividade de apreensão do diverso, pressupõe-se sempre uma relação de acompanhamento e sucessão entre estas representações, esta relação que é fornecida pela forma *a priori* do tempo, presente na sensibilidade.

⁵⁴ (*KrV* A 100)

É de considerar, neste contexto, que a determinação do sentido interno (tempo), é um elemento importante que confere fundamento às representações sensíveis ligadas pela síntese do diverso e reproduzidas na sensibilidade pela síntese da reprodução na imaginação.

Se deixasse sempre escapar do pensamento as representações precedentes (as primeiras partes da linha, as partes precedentes do tempo ou as unidades representadas sucessivamente) e não as reproduzisse à medida que passo às seguintes, não poderia jamais reproduzir-se nenhuma representação completa, [...] nem mesmo as representações fundamentais, mais puras e primeiras, do espaço e do tempo. (*KrV A 102*).

De fato, a síntese do diverso serve de fundamento ao conteúdo da intuição, e a síntese da reprodução serve de fundamento para o conhecimento das representações enquanto simultâneas ou como sucessivas ligando-as e associando-as, assim, tornando-as perceptíveis sensivelmente.

Por exemplo, ao ouvir um trovão associa esta representação ou imagem à chuva, outro exemplo, ao ouvir um estilhaço associa este som com algo se quebrando, desta forma, a capacidade reprodutiva da imaginação propicia ou consolida uma ligação formal entre representações antecedentes, que mesmo ausente seu objeto, ainda conferem significado às representações imediatas, possibilitando um aprendizado ou cognição inicial importante para o ser racional finito.

Se qualquer representação particular fosse completamente alheia às demais, se estivesse como que isolada e separada das outras, nunca se produziria alguma coisa como o conhecimento [*Erkenntnis*], que é um todo de representações comparadas e ligadas. (*KrV A 97*).

Portanto, a reprodução destas representações intuitivas na imaginação pela síntese da reprodução, encadeando-as, unindo-as, comparando-as e ligando-as, assim, tornando-as objeto de cognição, ocorrem na sensibilidade sem recorrer ao entendimento, esta forma de conhecer da realidade concreta é um tipo de saber que é muito importante para a vida, não corresponde, evidentemente, ao conhecimento científico, mas é uma forma de saber inicial e circunstancial da vida comum, do cotidiano, que exige de nós a capacidade de operar com os múltiplos dados sensoriais recebidos pelos sentidos.

Capacidade reprodutiva e evocativa da imaginação

Assim como a síntese do diverso tem uma disposição ou configuração formal, representada pela sua capacidade autora e produtiva, a síntese da reprodução, como o próprio nome pode nos indicar tem uma disposição formal que corresponde à capacidade “reprodutiva”, “ou meramente *evocativa*” (*Anth* §28 168) da imaginação.

Esta capacidade evocativa da síntese da reprodução das representações, corresponde a uma exposição “derivada” (*exhibitio derivativa*) ou imitativa da imaginação na faculdade da sensibilidade que “[...] somente reproduz ou evoca algo do mesmo modo em que foi experimentado por meio do sentido [...]” (CALÁBRIA, 2017, p. 333), em outras palavras, “[...] traz de volta ao espírito uma intuição empírica que já se possuía anteriormente”. (*Anth* §28 168). Sobre isso, explicita Heidegger:

[...] a imaginação é reprodutiva (*reproduktiv*) quando se limita “[...] a recuperar unicamente aquilo que foi percebido anteriormente, numa presentificação, então esta visão é dependente da anterior que a percepção precedente ofereceu. Esta apresentação que remete para algo exterior é, por isso, uma apresentação que retira daí o seu conteúdo (*exhibitio derivativa*)”. (HEIDEGGER, 2019, p. 140).

Portanto, a síntese da reprodução como capacidade reprodutiva e evocativa da imaginação, corresponde ao conhecimento que se inicia e se origina depois da experiência, i.e., *a posteriori*.

Em resumo, uma representação intuitiva corresponde a uma imagem ou conteúdo projetado no ânimo, que exprime uma ideia ou coisa que tenha congruência com a matéria recebida pelos sentidos, ao trazer de volta essa imagem ao espírito, reproduzi-la e ligá-la à outra, e depois à outra, a imaginação associa estas representações no tempo, conjugando-as.

Por conseguinte, ao relacionar as representações, antes dispersas, tem-se a possibilidade de produzir um saber da experiência, por exemplo, a rua está molhada porque choveu, evidentemente que a chuva levou a rua a ficar molhada, esta evidência ou constatação é exclusivamente empírica e mesmo que seja um mero saber cognitivo do “aparecimento” dos elementos tanto naturais, quanto culturais da realidade, simples efeitos da “reprodução” e associação, ainda assim é um aprendizado primordial e necessário à vida.

Considerações da segunda parte

A imaginação como capacidade sensível exerce duas atividades importantes na sensibilidade, primeiro, a síntese da apreensão possibilita a reunião em uma unidade ou conteúdo o diverso dado na intuição; segundo, a síntese da reprodução possibilita reproduzir ou evocar as representações intuitivas na imaginação sob a determinação do sentido interno, encadeando-as, unindo-as, comparando-as e ligando-as, assim, tornando-as objeto para conhecimento. Sobre isso, comenta Calábria:

[...] Kant concebe que a produtividade da faculdade da imaginação relaciona-se com as operações sintéticas autorias executadas sobre o múltiplo *a priori*, cuja origem assenta nas *formas puras da intuição* (espaço e tempo). Porém, tais formas puras sediadas nos sentidos são condições subjetivas da própria multiplicidade, mas não de sua reunião. Elas apenas tornam possível a representação da multiplicidade, mas sua síntese somente é produzida por meio das operações unificadoras da imaginação (CALÁBRIA, 2011, p. 138).

O saber como primeira etapa cognitiva que prepara a elaboração do conhecimento do objeto é fabricado graças ao papel da imaginação de exercer essas duas atividades de síntese.

A síntese da apreensão [ou do diverso] está, portanto, inseparavelmente ligada à síntese da reprodução. E como a primeira exprime o princípio transcendental da possibilidade de todos os conhecimentos em geral (não só dos conhecimentos empíricos, mas também dos conhecimentos puros *a priori*), a síntese reprodutiva da imaginação pertence aos actos transcendentais do espírito e, em vista disso, designaremos também esta faculdade por faculdade transcendental da imaginação. (*KrV* A 102).

Em suma, a imaginação tem um papel significativo na produção do saber, de certa maneira, o objeto torna-se perceptível como um mero aparecimento por meio da sensibilidade, que guarnecida da sua estrutura *a priori* e as suas capacidades receptivas (sentidos) e espontânea (imaginação), fornecem a primeira forma (conceitualmente) indeterminada do objeto.

CONCLUSÃO

Como visamos com este trabalho, apresentamos alguns aspectos importantes da imaginação no pensamento kantiano, especificamente, nos papéis atribuídos à imaginação na elaboração cognitiva do saber fabricado na sensibilidade. Este saber enquanto cognição inicial dos modos de aparecer do objeto, requer a matéria dada pelos sentidos sob as formas *a priori* da intuição sensível (espaço e tempo), além das operações de sínteses realizadas pela imaginação na sensibilidade sem a intervenção do entendimento.

Estas sínteses, possibilitam a “percepção” do objeto na sua forma inicial, porém, esse saber inicial não dá o objeto em sua forma (conceitualmente) determinada e, neste aspecto, ainda não há em que falar em conhecimento no sentido forte da palavra.

Contudo, essas operações iniciais na sensibilidade fornecem as primeiras condições de possibilidade do objeto da experiência possível se adaptar, ser percebido e representado na medida em que nos aparece como um aparecimento para a nossa faculdade de conhecer.

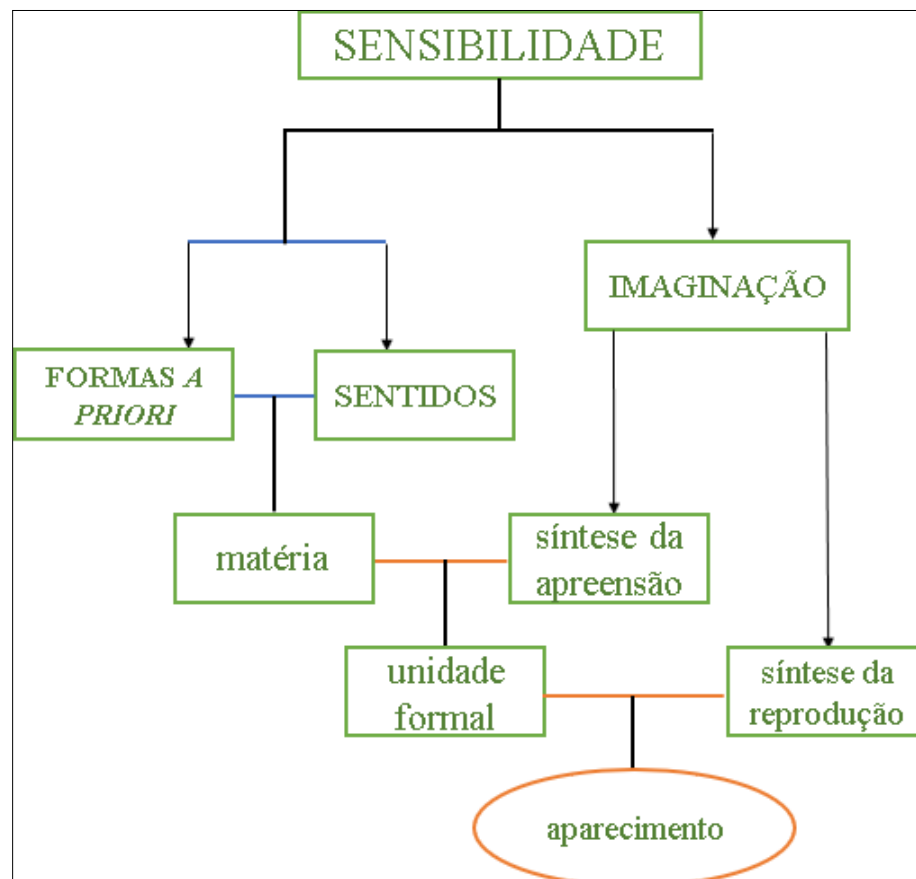


Figura 3 A formação cognitiva do saber do objeto enquanto um mero aparecimento

BIBLIOGRAFIA

CALÁBRIA, Olavo. **A distinção kantiana entre aparecimento e fenômeno**. Kant e-Prints, [S.l.], v.1, n.1, p.119 -126, 2006.

Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/view/328>

_____. **A Faculdade da Imaginação em Kant**. In: Os Trabalhos da Imaginação. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

_____. **A imaginação de Kant e os dois objetos para nós: e ainda, a propósito da doutrina do Esquematismo e das duas Deduções das categorias**. Tese (Doutorado) UFMG, 2011.

Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-99BFJZ>

_____. (2013). **Da relação entre os graus de conhecimento e as capacidades de representação em Kant**. EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, 27 (n. ESP), 281–302. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22850>

CASSIRER, Ernst. **Kant Vida e doutrina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

_____. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. RJ: Editora Jorge Zahar, 1995.

DILTHEY, Wilhelm. **Historia de la filosofia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. **Leibniz e a sua época**. São Paulo: Livraria Acadêmica Saraiva, 1947.

_____. **Introdução às ciências humanas**. RJ: Forense Universitária, 2010.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Kant e o problema da metafísica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

_____. **Kant und das Problem der Metaphysik**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1998.

KANT, Immanuel. **Investigações sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral**. In: Escritos pré-críticos. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018

- _____. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Editora Abril, 1974, col. Os pensadores.
- _____. **Kritik Der Reinen Vernunft**. Germany: Felix Meiner, 1956.
- _____. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. SP: Iluminuras, 2006.
- _____. **Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como ciência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- _____. **Manual dos cursos de Lógica Geral**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- LEITE, Flamarion Tavares. **10 Lições sobre KANT**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MALTER, Rudolf. **L'ANALYSE COMME PROCÉDÉ DE LA MÉTAPHYSIQUE: L'opposition à la méthodologie wolffienne dans la Preisschrift de Kant en 1763 (1764)**. Archives de Philosophie, vol. 42. No. 4, LA SPÉCIFICITÉ DES "LUMIÈRES" ALLEMANDES: L'AUFKLARUNG — II (OCTOBRE-DÉCEMBRE 1979), pp. 575-591.
- MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Filosofia: Idade Moderna Vol. II**. SP: Paulus, 2017.
- ROHDEN, Valério. **O sentido do termo "Gemüt" em Kant**. Revista Analytica, v. 1, n. 1 (1993). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/637>
- _____. **O criticismo Kantiano**. In: Curso de Filosofia. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.